



## Bonita festa no Villa Reale celebrou os 70 anos de idade de Ana Célia Feijó

• PAG. 4 e 5



Ana Célia com o marido Maurício Feijó, a filha Michelle e a neta Ana Clara

## Magnólia Rolim mudou de idade e celebrou a data com uma festa em grande estilo

• PAG. 2

Divulgação/Ayrton Valle

### BELEZA

é a felicidade. Recuse imitações. Natália Borges Vieira é transparente e faz desaparecer seu rosto na luz ambiente. É como se fosse um sonho. O sorriso dela tem vida própria, o resto é outono. Que está começando agora no Hemisfério Norte

• PAG.3



**C**onfesso que sou um eterno saudosista. Dia desses encontrei na minha caixa postal eletrônica uma seleção de imagens de profissões extintas, ou quase, pela modernidade e pela tecnologia. São pinturas belíssimas, que retratam ofícios do passado e todo o cenário de nostalgia onde eles eram exercidos por homens e mulheres que habitaram o pretérito perfeito da minha infância. Reconheci-os imediatamente.

Lá estava o marceneiro alisando carinhosamente um pedaço de madeira com a sua lixa fina, como tantas vezes vi o saudoso Antônio Flor, marceneiro de minha Presidente Dutra, fazer na sua oficina de trabalho, em frente à nossa casa, de onde saíam cadeiras e armários de acabamento perfeito.

Quando eu era menino, gostava de correr entre as tábuas empilhadas e de sentir o cheiro da serragem e do esmalte que caracteriza-

## OFÍCIOS DO PASSADO

*com seus personagens embaciados pelo tempo e que fazem na minha memória um mosaico de saudade*

vam diferentes etapas daquele artesanato.

Na tela seguinte, deparei com um ferreiro, segurando sobre o joelho a pata de um belo cavalo branco, para aplicar-lhe os cravos da ferradura nova. Também esta cena faz parte da minha memória infantil, com cheiro e tudo. Lembro-me muito bem do ferro incandescente arrancando fumaça do casco do animal, na moldagem do local exato onde a meia-lua de aço seria pregada. Era uma operação um tanto selvagem, que me fazia ad-

mirar a coragem e a força do ferrador, ao mesmo tempo em que me despertava compaixão pelo animal.

O sapateiro à moda antiga foi outro que me fez recuar no tempo para observar, em respeitosa silêncio, aquele homem recendendo à cola, que transformava pedaços de couro bruto em solados e saltos. O que me impressionava naquele artífice penetrado na sua tarefa solitária era a habilidade para pregar tachinhas sem martelar os dedos, até que a ponta da minús-

cula cunha entortasse no pé de ferro.

Um afiador de facas deu som e luz às minhas lembranças. Esse homem, que ainda desfila pelas periferias das grandes cidades tocando o seu instrumento ancestral, atraía a atenção da criançada como um flautista de Hamelím. Depois, instalava-se diante de um esmeril e fazia sair faíscas dos facões e machadinhas que lhe alcançavam as donas de casa. O afiador era uma espécie de gladiador da minha infância.

Outros personagens igualmente embaciados pelo tempo completam o mosaico de saudade: um tecelão, um tipógrafo, um sineiro, um queijeiro, uma costureira, uma rendeira, todos com seus instrumentos antigos.

É curioso pensar que o mundo que conhecemos hoje, incluindo este computador capaz de ligar passado e futuro, foi lapidado pelas mãos desses trabalhadores.



Fotos/Divulgação/Herbert Alves



A aniversariante entre Camila Paixão e Cristiano Barroso Fernandes



Lou Marques, Magnólia Rolim e a juíza Noélia Rocha



Julianderson Bandeira e Rodolfo Almeida abraçam a aniversariante



Marinês e Vainer Kerler



Joaquim Haickel e Jacira



Magnólia com Paulo André Santiago e Simone



Mariene e Christian Milbourne



Magnólia com Carol Imbroisi e Gustavo Santana



A aniversariante toda feliz na hora do coro do "parabéns pra você"

## MAGNÓLIA ROLIM comemora aniversário com bela e concorrida festa entre amigos

**S**empre muitos discretos, os Rolim não são muito adeptos de badalação social, mas este ano, Magnólia Rolim, diretora executiva do Grupo Magnólia (há mais de 50 anos atua nos estados do Maranhão, Piauí e Ceará, sob a liderança dos cearenses Cosma e João Rolim), decidiu convidar alguns amigos mais íntimos para uma

reunião festiva no escritório da empresa da família nesta capital. O resultado foi uma reunião muito agradável, com a boa música do DJ Alex Palhano, ótimas comidas e bebidas e a simpatia de Magnólia Rolim e do seu marido Rodrigo Vilarinho, que receberam em grande estilo e com muita fidalguia.



Novamente Magnólia Rolim com as irmãs Jaerly e Micaely Rolim



Rodrigo Vilarinho com Hannah Rolim, Magnólia Rolim e Marielli Rolim



Cosma e João Rolim com a filha aniversariante



Paula Goulart e José de Ribamar Reis Junior



Ana Izabel Azevedo



Fernanda Lisboa e Mônica Ribeiro



Mirtes Frota



Claudia Galgani, Jacira Haickel, Magnólia Rolim, Simone Lima e Liliane Lima



Felipe Mussalém e Bruna



Silma Rolim



Claudio Azevedo, João Rolim e Cristiano Fernandes



Família de belas mulheres: Hannah, Clara, Magnólia, Mariana, Luiza e Marielli Rolim



## DESTAQUE DA CAPA

Divulgação/Ayrton Valle



**N**atália Borges Vieira, 31 anos, nutricionista, apaixonada por auxiliar a transformação na vida de tantas pessoas (no consultório e através de dicas nas redes sociais) é o destaque de Capa do PH Revista neste fim de semana. Para ela, um estilo de vida saudável é imprescindível para viver a vida em sua plenitude, na prevenção de doenças e desordens em nosso organismo, além de melhorar o sono, disposição, libido, deixando as pessoas mais jovens, com menos gordura e mais saúde, sentindo-se mais confiantes e satisfeitas consigo mesmas! Cristã, ela é uma mulher de fé, que sempre coloca Deus a frente de seus passos e projetos.



### O livro de Eliézer Moreira

Foi bastante concorrida a noite de lançamento do livro "Catálogo de artes plásticas do Maranhão – Coleção de Eliézer Moreira Filho", na última quarta-feira, na Galeria Fast Frame, no Renascença.

Por lá, circularam os artistas plásticos Péricles Rocha, Jesus Santos e Beto Lima, os acadêmicos Benedito Buzar, Joaquim Haickel e Félix Alberto Lima, Anna Graziella Neiva e Raissa Moreira Lima e uma das grandes incentivadoras das artes no Maranhão, dona Marita Freitas.

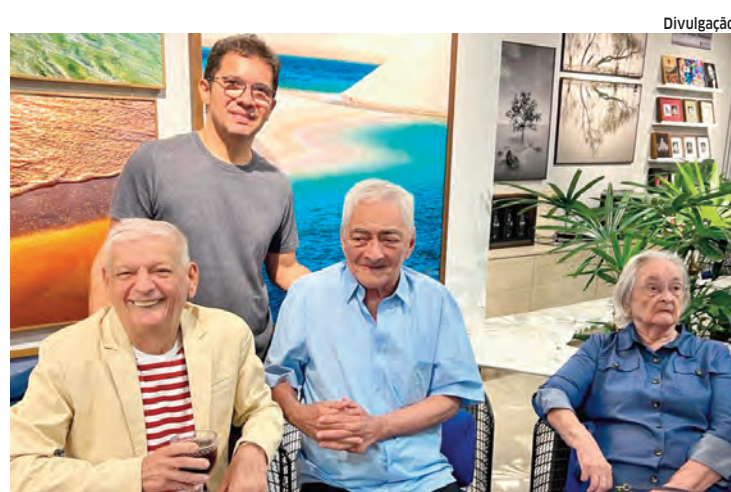
Uma das presenças mais cortejadas da noite foi a do ex-presidente José Sarney, amigo de Eliézer Moreira de longas datas e testemunha da formação do acervo de obras que constam do livro.

### O livro de Eliézer Moreira...2

A coleção de Eliézer retratada no livro reúne 286 peças de mais de 70 artistas plásticos, adquiridas ao longo dos últimos 50 anos.

Com textos biográficos e fotografias de pinturas, esculturas, desenhos, gravuras e colagens, o livro traz obras de Celso Antônio, Floriano Teixeira, Dila, Donato, Ciro Falcão, Péricles Rocha, Nagy Lajos, Telésforo Moraes Rego, Jesus Santos, Fernando Mendonça, Cosme Martins e muitos outros.

O livro, cujo texto de apresentação é assinado por Félix Alberto Lima, traz 438 páginas em policromia recheadas de informação.



Prestigiando o lançamento do livro de Eliézer Moreira Filho, o acadêmico Félix Alberto Lima, os artistas plásticos Péricles Rocha e Jesus Santos e a amiga Marita Freitas

### Banquete para a história

Um espetáculo é qualquer tipo de apresentação em que haja técnica, beleza e brilhantismo. Estes ingredientes com certeza não faltarão no evento gastronômico Wine Celebration, um banquete regado a grandes vinhos que Márcio Class e Alípio Moraes promovem para um seletivo público de 700 convidados, no próximo dia 7 de outubro, no Palazzo Eventos.

É excepcionalmente instigante a disposição de um grupo de chefs maranhenses de encarar e homenagear François Vatel, um célebre cozinheiro da corte de Luís XIV, criador do chantilly e autor de jantares históricos.

Quem assistiu a Vatel, o filme, estrelado por Gerard Depardieu e ambientado no tempo dos castelos e dos grandes banquetes, tem a noção do que vem por aí.

### Brandão e quem?

Se não houver nenhum acidente de percurso na campanha, o candidato Carlos Brandão já tem vaga assegurada no segundo turno no pleito para o governo do Maranhão.

A segunda vaga para enfrentar Brandão no dia 30 de outubro ainda é uma incógnita.

Tanto pode ser Weverton Rocha – que parece já ter encostado no teto de votos, como demonstram todas as pesquisas – como pode ser Lahésio Bonfim, que nas últimas semanas tem priorizado o eleitorado de São Luís.

Há, contudo, uma possibilidade pequena de que a eleição estadual seja decidida ainda no primeiro turno. Os últimos dias de campanha decidirão. A conferir!

### Cálculo renal

Candidato ao governo do Maranhão nas eleições de outubro, Edivaldo Holanda Júnior tem saído do eixo nesses dias de campanha.

Primeiro, usou um tom agressivo contra o também candidato Lahésio Bonfim em debate na TV realizado recentemente.

E agora resolveu brigar, de maneira ostensiva – o que foge ao perfil de político equilibrado, polido – com os números das pesquisas de opinião.

Em verdade, Edivaldo não aceita a ideia de que sua candidatura ao governo não alcançou respaldo no interior do Estado e vem desidratando nas últimas semanas.

### Maria Firmina na Flip

Um dos maiores destaques anunciados para a 20ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) foi a homenagem que será feita à escritora maranhense Maria Firmina dos Reis.

Em um ano marcado pelo bicentenário da Independência e pelo centenário da Semana de Arte Moderna, a escolha de Maria Firmina pegou o meio literário de surpresa.

Mas a verdade é que as personagens e narrativas memoráveis de Maria Firmina têm inspirado coletivos de leitura, professoras e autoras contemporâneas com sua linguagem, imagens e abordagens de um Brasil real e ficcional que atravessa duzentos anos de uma independência controversa.

### Festa reinventada

A Flip celebra sua 20ª edição retomando as ruas e praças de Paraty no período de 23 a 27 de novembro deste ano.

Nos dois anos anteriores, frente às dificuldades e urgências impostas pela Covid-19, a Flip precisou se reinventar.

Em seus 20 anos de história, a Festa Literária de Paraty tem se posicionado como um laboratório de reflexão, em que encontros e atividades buscam pensar saídas para as crises contemporâneas.

### Otimismo do comércio

O comércio varejista se prepara para um crescimento de vendas no mês de outubro. O "Dia das Crianças" e os preparativos para a Copa do Mundo estão entre as razões para o otimismo.

Dados da Confederação Nacional do Comércio, Bens e Serviços apontam que o "Dia das Crianças" é considerado a terceira data mais importante para o varejo brasileiro, ficando atrás apenas do Natal e do "Dia das Mães".

Os setores de eletrônicos, brinquedos, vestuário e calçados são os que se preparam para os melhores resultados.

### Círio de Nazaré

É grande o número de maranhenses que, mais uma vez, vão cruzar o estado, de carro ou de avião, para participar de mais uma Festa do Círio de Nazaré.

Neste ano, são esperados mais de 50 mil visitantes em Belém durante a quadra nazarena.

De São Luís, estão de ticket marcados, Déia e Luiz Campos Paes, Lil Trinta e Jorge Cateb Neto, entre muitos outros.

### Leio seu coração

Li, não lembro onde, mas nunca esqueci que ler é o melhor domingo.

Sim, toda vez que te leio, me desfolho. Sou analfabeto em você, mas leio seu coração. Não leio pensamentos. Não me alfabetizei em teus segredos.

Faço poesia no joelho. Depois passo a limpo, no teu ouvido. Recitas tateando no escuro, a noite onde nos pegamos.

Imagino que me escutas e isso cria o veludo no que digo.

### DE RELANCE

Às vésperas da eleição, candidatos em desvantagem começam a apelar. A máquina de fake news roda a todo vapor.

Apesar dos apelos das autoridades de saúde, a população tem se engajado muito pouco nas campanhas de vacinação. Isso aumenta o risco do retorno de doenças erradicadas em boa parte do mundo.

Um exemplo é a poliomielite. Em São Luís, a meta é vacinar mais de 50 mil crianças, mas até agora, menos de 10 mil foram levadas aos postos.

Cenário parecido ocorre no caso do sarampo. A previsão era vacinar 60 mil pessoas, mas pouco mais de 12 mil foram atendidas nos postos da capital maranhense.

Curiosamente, a procura pela vacina contra a influenza tem sido maior. Na capital maranhense, a cobertura chegou a quase 50%. Ainda bem abaixo da meta, mas com percentual acima das outras campanhas.

Fotos/Divulgação



Margarida Gomes Pinto com o filho Orlando e a nora Kárita

## REENCONTRO NA VOLTA ÀS RAÍZES

Foi meteórica a passagem por São Luís da maranhense Margarida Gomes Pinto, que há mais de meio século reside em Aracaju, a acolhedora capital de Sergipe.

Viúva há pouco tempo do médico baiano Orlando Pinto, ela é mãe de sete filhos – duas mulheres e

cinco homens – todos médicos especializados em Medicina do Trabalho, sendo que seis deles residem na capital sergipana e um mora em Presidente Dutra, onde ela esteve no fim de semana para visitá-lo e festejar sua nova idade, com toda a família reunida.

Depois do encontro em

P. Dutra todos vieram continuar as comemorações nesta Capital – primeiro, com jantar Restaurante Oito, do Blue Tree São Luís, e no dia seguinte, com almoço na residência das primas Clores e Glorinha Holanda, com a presença de outros parentes que moram em São Luís.



Em pose de matriarca, Margarida Gomes Pinto com as filhas Patricia e Maristela (sentadas) e os filhos Eduardo, Marco Aurélio, Orlando Filho, Alexandre e Renato



Outro grupo com Margarida e Orlando Filho, as noras Kárita, Tatiana, Ana Maria, Alexandra e Sylvinha e o genro Flávio de Brito



Renato com o filho Enrico



Orlando com os filhos Jorge Henrique e Maria Natividade, Georgina Gomes, Patricia Mandarin e Sebastião Gomes



No Renascença, um encontro com os Holanda e os Lima





Tamires e José Arteiro da Silva



Edilson Baldez e Maria Dolores



Fernanda e Amadeu de Araújo Costa



Edson Fernandes de Sousa e Valdira



Vanilson Bertoldo e Glênia Gentil



Rutinêia Monteiro e Ana Célia Feijó



Luana e Adriano Bentes de Sousa



A FAMÍLIA reunida: Maurício e a aniversariante Ana Célia Feijó com a neta Ana Clara, a filha Michelinne e o genro Anderson Bentes de Sousa

## BONITA FESTA

para celebrar os 70 anos de Ana Célia Feijó no Villa Reale Buffet

**H**avia uma atmosfera de alegria e simpatia pairando no salão do buffet Villa Reale. Tudo para celebrar em grande estilo os bem vividos 70 anos da empresária Ana Célia Feijó, que forma com o presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, um dos casais mais estimados de nossa sociedade.

Mais de uma centena de amigos da aniversariante compareceram ao almoço que contou ainda com a presença de parentes e outros amigos vindos do Ceará e de Brasília.

Ana Célia foi brindada com discursos rápidos feitos por sua filha Michelinne, pela neta Ana Clara e pelo marido apaixonado Maurício Feijó.

Com sua banda excelente, o cantor PP Júnior comandou a festa que teve ainda a participação especial do tenor Alessandro Batista.

Uma linda tarde num ambiente decorado com simplicidade e bom gosto. Não faltaram comida deliciosa, ótimas bebidas e um astral elevado dos anfitriões e convidados.



Helena e Gustavo Belfort com Eliides e Fernando Belfort



José Guilherme Fecury e Ludmilla com João Nunes Neto e Maria da Graça



Maurício e Ana Célia ladeados por Glorinha Holanda e Clores Holanda



Os anfitriões entre Donizetti e Moacir Machado



Anderson e Michelinne e Ana Célia e Maurício Feijó com o cantor PP Junior



Vânia e Pedro Aragão



Maurício e Ana Célia Feijó com Carlos Gaspar



Graça e Edmar Jansen de Mello



Janaina e Ribamar Oliveira Filho



O Repórter PH com José Ahirton Lopes, Maurício Feijó, José Arteiro da Silva e Manoel Antonio Barbosa



Fotos/Divulgação/Marcus Studio



Teresa e Everardo Rodrigues



Ana Célia com Daniel Filho



Ana Celia Feijó com a irmã Lilânia Guimarães e Marilac Machado (dona de uma das maiores Redes de Distribuição de Medicamentos do país e tem a Pague Menos entre seus clientes)



Maria Clara e seu pai José Ahirton Lopes com os anfitriões



Graça Jansen de Mello, Amparo Meneses Costa e Donizetti Machado



A aniversariante com Madalena Nobre e Marcos Davi Carvalho



Marcio Brandão e Vanessa



Maria da Graça e Paulo Brandão



Ana Célia Feijó com os irmãos Lilânia e Pompílio Guimarães



Andréa e José Roberto Farias com os anfitriões

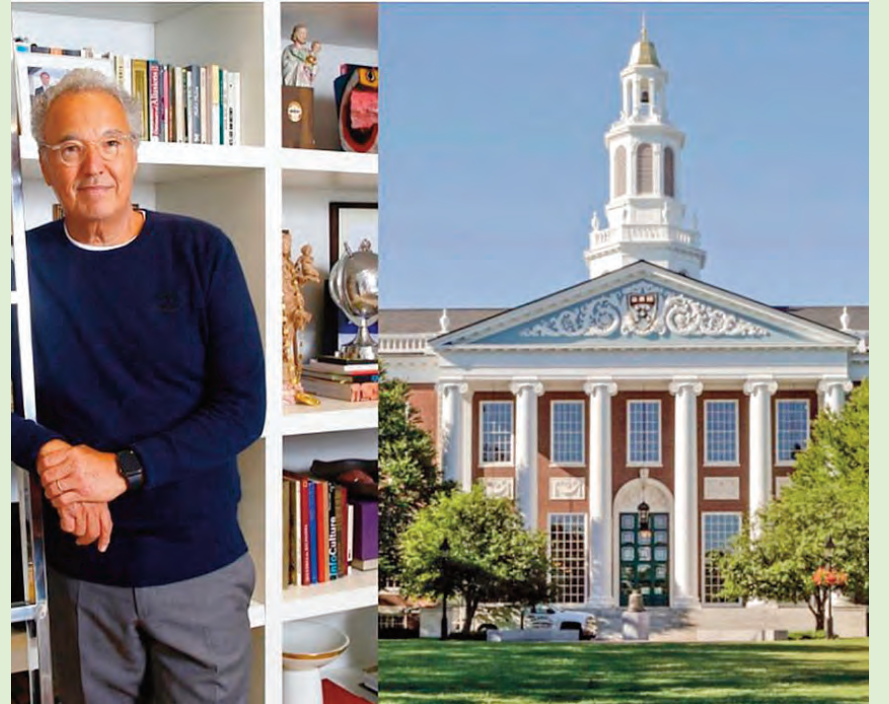


Manuella Fernandes e Max de Medeiros



Roberto e Virginia Albuquerque com os anfitriões e Marita Fernandes (mora no Rio)

Fotos/Divulgação



Nizan Guanaes na Universidade de Harvard

## ENCONTRO DE LIDERANÇAS BRASILEIRAS EM HARVARD, NOS ESTADOS UNIDOS

O consultor e publicitário brasileiro Nizan Guanaes passa estas duas últimas semanas nos Estados Unidos, mais precisamente na Universidade de Harvard, onde cursa o segundo módulo do

Management (OPM), um dos mais conceituados do mundo e responsável pela formação de grandes empreendedores e líderes globais.

Entre os participantes, estão os executivos maranhenses Flávio Medeiros e Rosely

Medeiros Garcia, irmãos, que foram chamados, juntamente com os outros brasileiros que participam do módulo, para assistir a uma palestra de Nizan no MIT e foram chamados para falar sobre o que estão fazendo no Brasil.



Flávio Medeiros e sua irmã Rosely Medeiros Garcia falaram para os colegas do módulo Owner President Management (OPM) sobre seus negócios no Brasil



Nizan Guanaes com seus colegas brasileiros do Owner President Management (OPM), em Harvard



Felizes com o sucesso do curso, os filhos de Rose e Eli Medeiros, Flávio e Rosely





PENÍNSULA 280

NOS MÍNIMOS  
DETALHES,  
O MÁXIMO  
DE EXCLUSIVIDADE

Simplemente a Península a seus pés

APARTAMENTOS A PARTIR DE

286 m<sup>2</sup>

4 SUÍTES

| 5 VAGAS

| (98) 3194.7007

Mais informações: [www.motamachado.com.br](http://www.motamachado.com.br)



- A primeira temporada de um dos espetáculos mais aguardados do ano estreia já na próxima semana.
- “Bandeira de Aço, o Musical” será exibido gratuitamente e aberto ao público nos dias 28, 29 e 30 de setembro.
- As sessões ocorrerão no palco do Teatro Arthur Azevedo, no Centro Histórico de São Luís, a partir das 19h30.
- Vale lembrar que a sessão do dia 27, que marca a abertura da temporada, será apenas para convidados.
- Para adquirir ingressos, o público deverá comparecer à bilheteria do TAA, das 16h às 18h30, no dia da sessão que escolheu. Cada pessoa pode resgatar até dois.



## Tem “Cabaré” em São Luís na noite deste sábado

Neste sábado, o cantor Leonardo, a dupla Bruno & Marrone (foto acima) e o grupo de samba e pagode Raça Negra (foto abaixo) apresentam em São Luís, pela primeira vez, o show “Cabaré”, uma label que já rodou o Brasil com recordes de bilheteria.

O show será realizado no estacionamento do São Luís Shopping, às 19h, com abertura da cantora Iara Costa e nos intervalos, o DJ Rogério Mix. Hits como “Temporal de amor”, “Pensa em mim”, “Boate azul”, “Dormi na praça” e “Cheia de Mania” certamente estarão no repertório.



## Paolo Ravley abre novos mundos na versão Deluxe do seu primeiro álbum

“MUNDOS (Deluxe)”, versão estendida do primeiro álbum de Paolo Ravley, acaba de chegar nas plataformas digitais com o clipe da inédita “Selvagem”. A reedição do disco conta com as 13 faixas originais mais o single “Carcará” e três novos fonogramas: “Clareia”, “Um Cheiro e Um Dengo” e “Selvagem”.

Esta última ganha um clipe dirigido pelo próprio compositor. A canção é um chamado e uma chama para a humanidade rever o percurso traçado até aqui. A brincadeira é chegar à beira do abismo da indecisão.

O álbum “Mundos” começou a ser elaborado ainda em 2019 e em 2020, durante a pandemia do Coronavírus. Algumas músicas, inclusive, foram compostas no contexto pandêmico. A sonoridade é uma fusão entre sintético e orgânico, apontando para uma comunhão entre a terra e as tecnologias.



A mais nova Bacharel em Direito, Mariana Vasconcelos

## Formatura de Mariana Vasconcelos em Direito

Uma bonita e animada festa nos salões do Ximenes Palace marcou a formatura em Direito da bela Mariana Pinheiro Rosa de Vasconcelos. Mariana é filha do nosso colega do Grupo Mirante José Filho e da jornalista Érika Rosa. Antes mesmo de concluir a graduação na

Universidade Estadual do Maranhão, Mariana foi aprovada no Exame de Ordem da OAB e já atua como estagiária na Vara Especial do Idoso e de Registros Públicos, no Fórum do Calhau.

Parabéns à Mariana, desejamos muita saúde e sucesso na profissão.



Os formandos da 14ª turma de Direito da UEMA: Taynara Rocha, Mariana Vasconcelos, Ribamar Neto, Karen Bianca, Carolayne Silva, Jhones William, Débora Cristina, André Oliveira e Diandra Regina



Os irmãos Cauã Vasconcelos, Mariana Vasconcelos e Amanda Moura, também advogada





A escultura de Maria Callas, em Atenas, sofreu uma tempestade de indignação nas semanas que se seguiram à sua inauguração

## O BRILHO DE CALLAS: 45 anos após a morte da maior e mais polêmica soprano de todos os tempos

*Era o mês de abril do ano de 1975 e eu visitava Paris pela primeira vez, a convite da Varig. Não fosse a movimentação dos paparazzi em frente à Brasserie Le Fouquet's na avenida Champs-Élysées, eu jamais poderia imaginar que bem próximo à minha mesa estava Maria Callas, considerada por muitos a maior soprano de todos os tempos. A cena, que ficou gravada para sempre em minha memória, nunca mais se repetiu. Callas morreu em 16 de setembro de 1977 e nessa mesma data, por coincidência, eu visitava Paris pela segunda vez, mas não consegui participar dos funerais da cantora. No último dia 16, portanto, fez precisamente 45 anos que Maria Callas partiu para a eternidade, deixando para sempre o eco de uma voz singular. Em 2 de dezembro de 2023 será comemorado o centenário do seu nascimento. É inevitável que o seu nome, que nunca abandonou as vitrines da cultura erudita e popular, salpicando capas de revistas e cartazes de espetáculos, esteja de novo na boca do mundo.*

Em tempos de efemérides – que, no caso de Callas, arrastará o costumeiro cortejo de reverências e ironias –, duas questões se levantam. Primeiro, como homenagear Maria Callas, cujo legado deixou marcas indelévelis no mundo das artes, e não apenas no da ópera, em pleno século XXI, quando o mito, embebido no meio digital, tudo contagia, não apenas a verdade dos fatos, mas também a ficção das artes e o tom das polêmicas? Segundo, como homenagear Maria Callas, sem esquecer que foi uma cantora de ópera?

Enquanto intérprete, Callas encarnou personagens fictícios, cujo destino trágico nos habituamos a confundir com a sua vida, onde a paixão, a arte, a traição, o abandono e a morte tiveram o seu quinhão. Nesse aspecto, o seu mito está mais próximo do das estrelas de Hollywood do que de outros músicos, intérpretes ou compositores. Ao mesmo tempo, a sua voz, singular e enigmática, permanece no centro do mito.

Não tivemos de esperar pela aproximação deste intervalo entre efemérides – o centenário do nascimento em 2023 e o cinquentenário da morte em 2027 – para assistirmos a uma “aceleração” do “fenômeno Callas”. Em 2017, fruto do projeto Maria by Callas de Tom Volf, deu-se a estreia de um documentário e a inauguração de uma exposição (no museu La Seine Musicale, em Paris). Um ano depois, foi a vez de um espetáculo ao vivo com o holograma de Callas se fazer à estrada, correndo mundo, para gáudio ou desapontamento dos fãs que, por um lado, fruía a ficção de um espetáculo ao vivo com a maior diva de todos os tempos ou, por outro lado, deploravam a inautenticidade da experiência.

Poderia dar outros exemplos da recente intensificação do caso Callas na era digital, das suas ilusões e desilusões, e falar no dueto virtual e póstumo entre Callas e Gheorghiu, cantando a Habanera da Carmen de Bizet, num vídeo do álbum Angela Gheorghiu: Homage to Maria Callas em 2011. Contudo, voltando às duas questões acima referidas, evoco dois

acontecimentos dos dois últimos anos: a inauguração em Atenas, em 8 de outubro de 2021, de uma nova estátua de Maria Callas e a estreia em Munique, em 1º de setembro de 2020, da ópera-performance de Marina Abramovic, 7 Deaths of Maria Callas.

Após a sua inauguração nos arredores da Acrópole em Atenas, a escultura de bronze, concebida e realizada por Aphrodite Liti em honra de Maria Callas, deu muito o que falar. Na verdade, gerou uma acesa polémica nas redes sociais, estimulada por utilizadores do Twitter e do Facebook, que Helena Smith, num artigo de The Guardian, intitulado Ghandi in heels? Maria Callas statue hits the wrong note, acabaria por sintetizar referindo que a escultura “tem sido criticada por ser kitsch, inconveniente e, pior ainda, por não se parecer de todo com ‘a divina’ [um dos epítetos da cantora]”.

Segundo a escultora, secundada pelos representantes da sociedade grega que fez a encomenda, a peça evoca o aspecto icônico, genuinamente grego, de Maria Callas. A fotografia que Liti escolheu como ponto de partida, tirada no Teatro alla Scala de Milão, atraiu-a “devido às suas feições gregas, estilo dórico e simplicidade”.

Ora, os visitantes, pouco

convencidos pelo simbolismo escultural, viram simplesmente, ora o dourado do robô C-3PO de Star Wars, ora a postura de uma estatua dos Óscares, ora as feições de Terminator, ora a elegância de Olívia Palito, ora a figura de Gandhi em sapatos altos – e estes foram apenas alguns dos epítetos arremessados no meio da tempestade de indignação de que foi alvo a escultura nas semanas que se seguiram à sua inauguração.

Também a localização foi criticada: o recanto escolhido, à beira da rua Dionysiou Areopagitou, seria demasiado discreto e sombrio. Além de que a postura estaria errada. “Se, na vida real”, escreve Michael Mousson, antigo cantor de ópera e diretor artístico do Festival de Atenas, “Callas tentasse cantar na posição concebida pela escultora, o resultado seria semelhante ao de um violinista ao tentar tocar um violino quebrado”.

Perante este coro de críticas, apetece fazer de advogado do diabo. Para já, o dourado do bronze escurece: perde o brilho metálico, dando lugar à sobriedade bronzeada que os críticos deploraram inexistente. Quanto à alegada falta de glamour da localização, a verdade é que esta, apesar de discreta, é singularmente privilegiada. Avista-se o Partenon da perspectiva da estátua. E sobretudo isto: porque haveria a escultora de cumprir os preceitos do

realismo de forma literal? Afinal – ironizemos – se Laoconte “grita” de boca fechada, porque não haveria Callas de “cantar” de braços cruzados?

Mas se deseja fazer de advogado do diabo e expor as contradições dos críticos não é tanto para defender a escultura quanto para destacar o pressuposto em que todos eles laboram: que faça hoje sentido homenagear Callas com uma estátua. É este pressuposto, que une detratores e defensores da escultura – que também os houve, oficiais e espontâneos – que interessa polemizar.

Contudo, talvez inconscientemente, algumas destas críticas revelam um desconforto com o modo de admiração de que qualquer estátua, na sua verticalidade e frontalidade estáticas, é exemplar. Já não vivemos na época das estátuas, nem, tampouco, na época da devoção a que convidam. Talvez só em Atenas – onde a convivência com os vestígios do passado se naturalizou ao ponto de podermos suspeitar que, com o surgimento de ranhuras e manchas, também a aura se gastou – possa tal estátua existir.

Mas a aura, o charme do seu “aqui e agora”, não habita apenas em “objetos”. Associa-se também a “acontecimentos”. E, quando falamos de artes performáticas e de intérpretes musicais e teatrais, ela é inseparável do momento da atuação e da presença dos artistas. Apesar de morta, a artista Callas, encarnada pela artista Abramovic, está presente em 7 Deaths of Maria Callas. Está presente, já não na sala de um museu, por hipótese o MoMA de Nova York (que acolheu The artist is present de Abramovic em 2010), mas no palco de um teatro, no caso a Bayerisches Staatsoper de Munique, do princípio ao fim desta ópera-performance, estreada em 1º de setembro de 2020, com música de Marko Nikodijevic, além de Verdi, Puccini, Bizet, Donizetti e Bellini.

7 Deaths of Maria Callas tem duas partes. Na primeira, Abramovic jaz numa cama discretamente posicionada em palco, enquanto sete cantoras interpretam sete árias de sete óperas famosas em que sete mulheres morrem. Ao mesmo tempo são projetados sete vídeos, que ocupam de forma avassaladora o fundo do palco, nas quais Abramovic, ora sozinha ora com Willem Dafoe (há pouco mais de um ano esteve em São Luís estudando a realização de um filme no Maranhão), representa aquelas sete mortes. É a estas sete mortes – por tuberculose (La traviata), salto (Tosca), estrangulamento (Otello), hara-kiri (Madama Butterfly), esfaqueamento (Carmen), loucura (Lucia di Lammermoor) e fogo (Norma) – que alude o título.

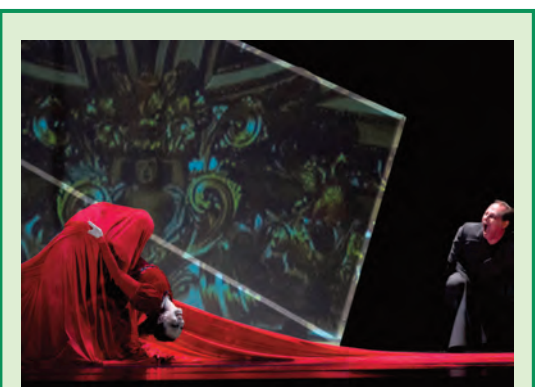
Ao longo da primeira parte, misturando realidade e ficção no interior do espetáculo, é como se aquelas sete mortes fossem outros tantos sonhos (ou pesadelos) de Callas. Mas, no início da segunda parte, ela acorda para protagonizar a sua própria morte. O cenário reproduz o apartamento da Av. Georges-Mandel, em Paris, onde Abramovic-Callas se passeia, contando, pensando e sentindo cada passo e cada gesto. É o ritmo da respiração e dos movimentos da artista – e a presença do seu corpo em palco – que está aqui em jogo.

Contudo, até aqui, nem a voz nem a imagem de Callas são audíveis ou visíveis. Tal só se verifica no final, quando, após o desfalecimento de Abramovic-Callas, uma das sete sopranos que interpretam as árias na primeira parte (e que assumem agora o papel de figurantes) põe um vinil a tocar e ouvimos, de novo, mas finalmente pela voz inconfundível de Callas, a “Casta diva” de Norma.

Sob o signo da presença, 7 Deaths of Maria Callas emula a artista greco-americana. O gesto é o da homenagem, mas também o da identificação e o da ultrapassagem. Pelo fio das histórias de paixão, violência e morte que marcam o destino daquelas personagens femininas, e que fascinam Abramovic porque nelas se reconhece, é finalmente o mito da artista-ídolo-diva que surge destacado. A apoteose da voz acompanha a apoteose da figura. E esta última é a da diva Abramovic, num resplandecente vestido dourado.

Note-se a afinidade entre o dourado do vestido de Abramovic, nesta cena final da sua ópera-performance, e o dourado da estátua ateniense de Callas, no momento da sua inauguração. Nos dois casos, é o brilho que sobressai, o brilho da divinização, da adoração e do culto – a glória da eternidade como a glória do instante.

A pergunta que resta, e a que teremos de voltar nos próximos meses, é simples. Há outras formas de homenagear Maria Callas? Outro tom que não o dourado? Outra atitude que não a do culto?



Callas no Theatro Municipal do Rio de Janeiro

## Callas no Brasil

Para os brasileiros apreciadores de ópera há um momento especial na vida de Maria Callas: o ano de 1951. Foi quando a soprano fez uma série de apresentações no Brasil. No auge da carreira, ao visitar os trópicos a virtuose de origem grega não deu apenas mostras de seu talento. Callas arrumou encrenca até com camareiros de hotel e cancelou em cima da hora uma das récitas, alegando mal-estar. Tudo condizente com a fama de ser a mais intratável das primas-donas.

Na mesma medida em que era inegavelmente difícil, contudo, Callas colecionou tragédias e episódios de instabilidade emocional ao longo da vida.

Agora, uma nova biografia pretende iluminar as razões desse comportamento errante. Lançada primeiramente na Inglaterra, Cast a Diva — The Hidden Life of Maria Callas (Diva - A Vida Oculta de Maria Callas) reforça a tendência da historiografia atual de revisar a trajetória de mulheres célebres – de Ada Lovelace a Catarina, a Grande – sob um prisma feminista. Segundo sua autora, a irlandesa Lyndsy Spence, Callas teria sido vítima do machismo de seu tempo. “De fato, ela foi agressiva e arrogante na juventude. Mas muita coisa a seu respeito foi distorcida. Ninguém procurou entender a mulher por trás do mito”, afirmou Lyndsy.

Na ópera, o mito de Maria Callas (1923-1977) é inquestionável. Ela era o que os especialistas chamam de soprano absoluta — uma intérprete capaz de atingir notas em um impressionante espectro sonoro. Nascida em Nova York, numa família de imigrantes que logo retornaria à Grécia por dificuldades financeiras, ela desde cedo teve de superar obstáculos para fazer valer seu dom artístico. Inclusive dentro do lar. O livro reconta sua relação conturbada com a mãe a partir de um manancial de informações inéditas: as mais de 200 cartas enviadas por 25 anos a seu padrinho e confidente, Leo Lerman, encontradas nos arquivos das universidades Stanford e Columbia. A correspondência revela que, durante a II Guerra, a mãe oferecia as filhas para sexo aos soldados nazistas e italianos que ocupavam Atenas, em troca de dinheiro. Jackie, a irmã curvilínea, foi obrigada a se prostituir. Maria Callas, fora desse padrão de beleza, escapou porque os soldados preferiam pagar para ouvi-la cantar. Anos mais tarde, quando ela já era uma estrela, a mãe fez chantagem: ameaçou falar do passado da família se não lhe desse dinheiro.

Seus casamentos não foram menos complicados: Callas hoje seria considerada uma vítima de “machos tóxicos”. A autora a retrata como uma mulher submissa ao primeiro marido, Giovanni Meneghini. Quase trinta anos mais velho, ele maltratava e roubava dinheiro da então jovem estrela. Mas é sobre o avassalador relacionamento com o magnata grego Aristóteles Onassis, nos anos 1960, que surgem as mais chocantes. Callas confidencia nas cartas que Onassis a dopava e aproveitava para abusar dela sexualmente. Quando não conseguia, ele a humilhava, dizendo que Callas tinha só um apito na garganta.

Foram notoriamente traumáticos dois lances da vida com Onassis — a perda de um bebê recém-nascido e a traição com a ex-primeira-dama americana Jacqueline Kennedy, por quem ele a trocaria. O estrago maior foi tê-la feito perder sua autoestima musical: Onassis fez de tudo para enterrar sua carreira, lançando Callas no mundo de aparências das colunas sociais. Pode-se dizer, aliás, que ela marcou a transição entre o velho perfil das divas de ópera rechonchudas e a era das celebridades com corpinhos de pin-ups. Depois de Onassis, sua vida foi ladeira abaixo. O vício em remédios agravou um distúrbio neuromuscular que comprometeria cada vez mais sua bela voz.

“A tragédia da vida de Maria é que ela basicamente pedia ajuda, mas as pessoas diziam que ela era maluca”, diz Lyndsy Spence.

A passagem pelo Brasil foi rápida, mas revelou-se um ponto de virada em sua biografia. Surgiu no país sua visceral rivalidade com a italiana Renata Tebaldi. Durante apresentação no Municipal do Rio, as duas combinaram que não cantariam o bis para que uma não ofuscasse a outra. Callas cumpriu o acordo, mas Renata, não. A partir daí, o que era uma cordial amizade deu lugar a uma renhida batalha de egos. O tour nacional também trouxe à luz uma de suas perdas, a obsessão por dietas. Diz a autora que seu “bolo” na récita paulistana não decorreu de um ataque de estrelismo, e sim de uma razão constrangedora: com 90 quilos, a diva não teria cabido no figurino. Ao voltar para a Itália, ela perderia quase metade do peso, e passaria o resto da vida lutando contra a balança. “Ela se tornou a primeira cantora de ópera glamorosa”, diz Lyndsy. Ser um mito cobrou um preço altíssimo da mulher real.



Maria Callas ao lado de Aristóteles Onassis